

**MULHERES QUE NÃO SÓ DIZEM SIM: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
PROSTITUTAS DE FEIRA DE SANTANA - BAHIA**

Vicente Deocleciano Moreira¹

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia
Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana
E-mail: vicentedeocleciano@yahoo.com.br

Maria da Luz Silva¹

Mestre em Enfermagem e Livre Docência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana

Edna Lucia do Nascimento Macedo¹

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana
Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana

Mara Larissa Lima Vasconcelos¹

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Feira de Santana

Se acaso me quiseres / Sou dessas mulheres /
Que só dizem sim / Por uma coisa à toa / Uma
noitada boa / Um cinema, um botequim / E se
tiveres renda / Aceito uma prenda / Qualquer
coisa assim / Como uma pedra falsa / Um sonho
de valsa / Ou um corte de cetim / E eu te farei as
vontades / Direi meias verdades / Sempre à meia
luz / E te farei, vaidoso, supor / Que és o maior e
que me possuis / Mas na manhã seguinte / Não
conta até vinte / Te afasta de mim / Pois já não
vales nada / És página virada / Descartada do
meu folhetim...

(Chico Buarque)

RESUMO

Este artigo integra as comemorações dos dez anos (1999-2009) do Núcleo de Antropologia da Saúde (NUAS) do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Apresenta um estudo qualitativo com abordagem analítica-explorativo, que tem como objetivo analisar o significado da violência sexual para as profissionais do sexo de Feira de Santana, descrevendo este significado e identificando as formas utilizadas pelas profissionais do sexo para prevenir a violência sexual e os riscos de DST nas relações praticadas sob violência. O interesse por este tema surgiu da percepção dos riscos trazidos pela prostituição, dentre eles a violência sexual que, conseqüentemente, aumenta o risco de contração de DST/AIDS. Nos discursos, percebe-se a negação do *lust*, do gozo de só dizer sim à violência sexual contra as práticas de violência de que são vítimas.

Palavras-Chave: Prostituição. Violência sexual. DST/AIDS. *Lust* (gozo). Perversão.

¹ Pesquisadores do Núcleo de Antropologia da Saúde (NUAS) do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

ABSTRACT

This is a qualitative study with analytical approach - explorer, which aims to analyze the meaning of sexual violence for sex workers in Feira de Santana, describing the significance and identifying the ways used by sex workers to prevent sexual violence and risk of STD in a committed relationship violence. The interest in this subject arose from the perception of the risks posed by prostitution, including sexual violence, which, consequently, increases the risk of contraction of AIDS. To achieve these objectives, we used a semi-structured, applied to ten sex workers in Energy Street, one of the older sections of the city of prostitution, and the Association of Sex Professionals of Feira de Santana (APROFS). In speeches realize the denying of *lust*, of fair that says yes to the

Key-words: Prostitution. Sexual violence. STD / SIDA. *Lust* (fair). Perversion.

INTRODUÇÃO

A violência contra as profissionais do sexo e, notadamente, a violência sexual contra estas mulheres não tem tido a merecida atenção de estudiosos da violência contra a mulher, da mídia e das organizações de defesa e de valorização da cidadania da mulher. Nestes espaços críticos, tende a prevalecer à concepção de senso comum que nega a possibilidade de profissionais do sexo ser vítimas da violência sexual (praticadas por clientes, policiais ou qualquer outra pessoa) já que elas vivem/sobrevivem de serviços sexuais que oferecem a clientes que as procuram ou que aceitam estes tipos de serviço. Já que são mulheres “que só dizem sim” supõe-se que devam dizer sim também para tudo para toda e qualquer prática violenta, inclusive na esfera da sexualidade. Como são profissionais do sexo, prostitutas, putas, “mulheres de vida fácil” no ato sexual com seu cliente devem aceitar dele (ou dela) socos, ferimentos e xingamentos, ofensas e desqualificações morais, estupro, felações e relações anais não consentidas porque não pactuadas/negociadas antes da prestação do serviço erótico, sexual, que elas proporcionam à clientela masculina e feminina. Quando práticas como socos, ferimentos e xingamentos, ofensas e desqualificações morais, estupro e relações anais são previamente consentidas, estimuladas ou inseridas no ‘pacote’ de serviços eróticos e sexuais, aí defendemos que não existe violência sexual na intersubjetividade da dupla. Mas não descartamos que na objetividade do julgamento social isto possa ser caracterizado como violência sexual.

O que é violência? A violência é um fenômeno que atinge todo o planeta com grande intensidade, é de tamanha complexidade que se faz difícil conceituá-la. Segundo Minayo (2003, p. 46), “as dificuldades para conceituar violência provêm do fato de se tratar de um fenômeno da ordem do vivido e cujas manifestações provocam uma forte carga emocional em quem a comete, em quem a sofre e em quem a presencia”. Para esta autora, a violência pode ser classificada como **física**, atingindo a integridade corporal e traduzida em homicídios, agressões, violações e assaltos a mão armada; em **econômica**, se caracterizando como desrespeito e apropriação contra a vontade, ou de forma agressiva, de algum bem; e a violência **moral** e **simbólica**, na qual ocorre o desrespeito e ofensa aos direitos do outro. Nesse âmbito, a violência pode atuar de forma física, psicológica e sexual, portanto ela não se resume apenas às delinquências.

Mulheres de todas as etnias, idades e classes sociais são afetadas pela violência e vários condicionantes estão associados a este fato como, agravos na saúde física e mental, o

desemprego e uso de drogas. Mas, na literatura sobre mulher e/ou violência contra a mulher dificilmente a profissional do sexo é referida. É como se não fosse uma cidadã feminina, e sim uma mulher de “segunda categoria” – que, evidentemente, ela não é.

A profissional do sexo, na condição de mulher, não escapa ao contexto da violência, historicamente construído. E o fato de a sociedade considerar a prostituição não só ilícita, mas também moralmente reprovável, expõe a prostituta a uma violência ainda maior, no universo social e nos ambientes (ruas, boates, prostíbulos, hotéis...) em que ela exerce sua atividade. Neste sentido, a violência se caracteriza como um fator muito relevante na hierarquia de riscos a serem enfrentados por essas mulheres (BRASIL, 2002).

A violência sexual contra as profissionais do sexo traduz a violência contra a mulher. Diversos pesquisadores destacam a violência sexual como uma das principais formas de agressão, colocando em primeira ordem o **estupro** e o **atentado violento ao pudor**. Esses dois tipos de agressão sexual são alvos de controvérsia conceitual desde quando o **estupro** é conceituado como sendo “todo ato de penetração oral, anal ou vaginal, utilizando o pênis ou objetos e cometido à força ou sob ameaça, submetendo ao uso de drogas ou ainda quando esta for incapaz de ter julgamento adequado”. O **atentado ao pudor** é considerado como ato de constranger alguém, mediante violenta ou grave ameaça, a permitir que com ele pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal. **Estupro** no artigo 213 do Código Penal é conceituado como “ato de constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”. Assim sendo, vamos adotar nesta pesquisa a conceituação de **estupro** como violência sexual contra a vagina e outras partes da genitália feminina e o **Atentado violento ao pudor** como violência sexual contra a boca, ânus ou qualquer outra parte não genital da mulher. O **atentado violento ao pudor** difere do **atentado ao pudor**, pois este último é tido como ato de constranger alguém com gestos e palavras sexualmente obscenas.

Mas quando uma profissional do sexo sofre violência sexual, ela é seis vezes mais violada que qualquer outra mulher. Uma mulher - prostituta ou não - pode sofrer violência ao ser furtada, roubada, assaltada e/ou espancada, xingada, assassinada; a mulher que não é uma profissional de sexo pode também ser sexualmente violentada através de pancadas, socos. Sob a mira de uma arma branca ou revólver, pode ser estuprada (tendo como alvo de violência, a vagina), vítima de **atentado violento ao pudor** (tendo como alvo o ânus) ou abusada sexualmente dentre outras coisas. Pode ser obrigada a praticar felação (chupar/morder o pênis do agressor), além de burlada quando o cliente finge usar o preservativo ou não desiste do coito quando ele se rompe. A referida profissional é seis vezes mais violentada, porque: 1) é violentada como mulher; 2) fisicamente; 3) moralmente; 4) sexualmente; 5) profissionalmente (quando faz sexo, sua atividade profissional, contra a vontade, quando não recebe pelos serviços sexuais que prestou); 6) é mais exposta ao risco de contrair doenças, principalmente Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), a exemplo da AIDS.

Veja por outra, mantemos a expressão **profissional do sexo** todas as vezes que fazemos referência às prostitutas cadastradas na Associação das Profissionais do Sexo de Feira de Santana (APROFS) porque: a) elas se autodenominam, se reconhecem e reconhecem as colegas como **profissional do sexo**; b) estão inscritas na APROFS, o que lhes possibilita alguma identidade e também um mecanismo de defesa contra os preconceitos que a sociedade – e elas mesmas – alimentam contra o ser e a atividade profissional da prostituta. E assim, em alguns momentos deste artigo, conservamos a expressão **profissional do sexo** para todas as prostitutas (associadas ou não à APROFS), por uma questão de coerência antropológica – o que significa, dentre tantas coisas, o acatamento da(s) verdade(s) com as quais os sujeitos da pesquisa antropológica orientam suas próprias vidas e suas visões de mundo. Além de metodológica, essa atitude é capaz de qualificar (e não de desqualificar) e de reconhecer a identidade que aquelas mulheres construíram para si mesma e para as outras prostitutas - como indivíduos (subjetividade) e como grupo. Ainda assim, reconhecemos que **Profissional**

do sexo não raras vezes é um eufemismo cheio de “vergonha de dizer o nome” e de preconceito contra a prostituta e a atividade prostitucional. **Profissional do sexo** por outro lado é uma expressão talhada pela moralidade dominante e até por mecanismo de defesa, internalizado pelas prostitutas. **Profissional do sexo** é uma categoria profissional de grande amplitude e tão genérica que nela cabem todos os profissionais que vivem/sobrevivem, direta ou indiretamente, da própria atividade sexual ou da atividade sexual de outras pessoas: “michês” (rapazes que cobram por programas sexuais com mulheres, homens, casais), cafetinas (donas de prostíbulos sofisticados ou rústicos), gigolôs (que mantêm ou gerenciam mulheres – inclusive esposas, companheiras, amantes, massagistas masso-eróticas, proxenetas), peixotos (encarregados de apresentar prostitutas aos clientes) e tantos outros trabalhadores que sobrevivem na/da prostituição que os mantêm, hospeda e protege.

Nosso interesse acerca do significado da violência sexual para as profissionais de sexo se deveu, de um lado, pelo fato de a violência sexual representar ou predispor a um maior risco de contrair DST/AIDS – sem querer desconhecer ou minimizar a importância das atividades de orientação e de prevenção (palestras, orientação, etc.) que a APROFS proporciona a suas associadas. Por outro lado, também nos propomos contrair uma dívida a ser paga futuramente: refletir sobre os possíveis perfis psicológicos dos homens que violentam – inclusive sexualmente – as prostitutas, mas que costumam ser mantidos ‘invisíveis’ e à sombra dos depoimentos das violentadas – sem que sejam submetidos (a partir destes depoimentos) a algum tipo de consideração analítica, sociológica, psicológica, mesmo que superficial.

METODOLOGIA

A pesquisa seguiu abordagem qualitativa, a qual se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. O estudo caracterizou-se como analítico, abordado pelo método explorativo, levando em conta que este é um assunto pouco abordado principalmente na prostituição.

Os campos do estudo de abordagem qualitativa foram a APROFS e o “Beco da Energia”, um dos mais antigos pontos de prostituição, que está localizado no centro da cidade de Feira de Santana. Fundada em 17 de março de 2001, a associação está localizada na Praça Padre Ovídio, nº 71, sala 01, centro, Feira de Santana – Bahia - Brasil e tem por objetivos: discutir e aprofundar o conhecimento que diz respeito à prostituição, lutar pela cidadania plena dos profissionais do sexo atingindo o maior número possível de mulheres e conscientizando-as da necessidade de se organizarem e defenderem seus direitos e a valorizar seus deveres. A APROFS possui cerca de 700 associadas, das quais 400 estão fixas na cidade de Feira de Santana e 300 são flutuantes. A APROFS promove reuniões duas vezes por mês com palestras, vacinação para as profissionais do sexo e oficinas sobre sexo seguro na sede e em locais de trabalho dessas profissionais. Seus projetos têm se desenvolvido em parceria com a Secretaria de Saúde do município de Feira de Santana e com profissionais da saúde. A APROFS possui também caráter investigativo, denunciando crimes contra profissionais do sexo e indo à procura das desaparecidas. Em média, cinquenta mulheres frequentam a APROFS. Mas, apenas quinze comparecem às reuniões; desse total, dez concordaram em dar entrevistas que durou em média 15 minutos cada uma.

O Beco da Energia é um dos pontos de prostituição mais antigos da cidade de Feira de Santana. Existe há mais de 50 anos e liga a Rua Marechal Deodoro ao Beco do Mocó, no centro da cidade. Ali havia sobrados onde eram atendidos os clientes e cerca de 20 bares frequentados pela alta sociedade, entre pais de família mal casados, bêbados ou adolescentes

inexperientes em busca de iniciação sexual, além de fugitivos da polícia. Os bares ficavam vizinhos a casas de famílias tradicionais da cidade em um convívio de respeito, funcionando a partir das 22h00min após a vizinhança ter se recolhido (BECO..., 2001)

Procuramos facilitar o contato com os sujeitos da pesquisa e a formação de um vínculo de confiança com eles. foi solicitado à APROFS. Um ofício endereçado à presidente da instituição, formalizou o acompanhamento das atividades da associação realizadas com as profissionais do sexo que trabalham no Beco da Energia. A coleta de dados foi realizada no período de dezembro de 2005 a janeiro de 2006. A entrada em campo – Beco da Energia - junto às colaboradoras desta associação² as quais indicavam as mulheres que atendiam as condições da pesquisa. Apresentamo-nos usando crachás, vestimenta padrão (blusa branca, calça jeans e sapato branco) e com prancheta.

As dez entrevistadas que se propuseram espontaneamente a nos dar entrevista e a conversar informalmente conosco, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em conformidade com a Resolução MS 196/96 de 10 de outubro de 1996. A pesquisa que deu origem a este artigo, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana, Protocolo Nº 047/005 – CAAE 0049.0.059.000-05.

DIZENDO NÃO

Levantamos algumas características etárias, profissionais e educacionais de cada uma das dez mulheres entrevistadas cujos nomes próprios estão substituídos por letras a fim de, eticamente, guardar-lhes o anonimato:

Sujeitos (pseudônimos)	Idade	Tempo de profissão	Escolaridade
Gilcélia	33	10 anos	Ens. Médio completo
Elizabete	19	02 anos	Ens. Fundamental incompleto
Marlene	41	04 anos	Ens. Fundamental completo
Gilmara	23	09 anos	Ens. Fundamental incompleto
Joana	21	03 anos	Ens. Fundamental completo
Selene	26	04 anos	Ens. Fundamental completo
Neusa	65	40 anos	Alfabetizada
Leonora	46	34 anos	Ens. Fundamental completo
Paula	32	09 anos	Ens. Médio completo
Graciete	25	06 anos	Educação Superior

A idade destas mulheres, (conforme tabela elaborada tendo como fonte de dados o trabalho de campo) é compreendida entre 19 e 65 anos com tempo de trabalho que varia de 02

² São profissionais do sexo, atuantes ou não que trabalham na Associação realizando palestras nas diversas áreas de atuação das profissionais do sexo, cadastrando-as, distribuindo preservativos para as associadas e organizando, junto com a presidente, as reuniões da APROFS.

a 40 anos. A escolaridade em sua maioria é de Fundamental (incompleto e completo), com extremos de alfabetizada a Ensino Superior.

Nos depoimentos, fica patente que as prostitutas (ou profissionais do sexo como elas se autodenominam) do Beco da Energia têm energia o suficiente para não dizer sempre sim, mas para dizer NÃO, por exemplo, à violência sexual a que estão diariamente expostas. Mas não só para a violência sexual; elas dizem NÃO a um imaginário brasileiro que, através dos ditos ou de algumas letras da Música Popular Brasileira as desqualificam como mulheres públicas, mulheres da rua em oposição ao ideário da mulher privada (a esposa) e da mulher da casa (a mulher casa-da, ou da-casa, a ‘rainha do lar’): “boneca cobiçada das noites de sereno / teu corpo não tem dono / teus lábios têm veneno”. (Bolinha e Biá). Ou: “Fingida estás pra sempre mas a culpa foi tua/ deixaste de ser mãe para ser mulher da rua” (Silvinho). Denunciam o calote, e dizem NÃO também à inadimplência:

“Tem home, que faz e não quer pagar, não paga, porque eu já fui, já fui vítima aqui mermo”

“Saí com um home, ele me tratou super bem, quando foi na hora de pagá meu dinheiro ele queria me agredir”.

Agressões físicas são formas de violência sexual que têm maior visibilidade numa vida nada fácil – apesar de todos os eufemismos e idealizações:

“Eu só senti o murro, ele chegou a quebrar meu nariz. [...] fiquei sem o dinheiro e com o nariz quebrado”.

“Como num caso que um rapaz lá tentou me enforcar com um travesseiro, sufocar. Na hora eu fingi que tave gostando, né? Aí, eu peguei na mão: “assim não, fio, assim não”

“Já sofri violência sexual, já fui estuprada há alguns anos atrás, entendeu? E sei qual a sensação disso.”

Além de socos e pontapés, há lugar para agressões verbais elaboradas no rol dos constructos sociais que desqualificam as prostitutas. Tem sido recorrente, nos dias atuais, a seguinte frase ou dito popular: “O Brasil é o único país do mundo em que **puta goza** (grifo nosso), traficante usa drogas e pobre vota na direita”. Trata-se de um modo “requintado” de violentá-las sexualmente infibulando-as ainda que simbolicamente.

Além das palavras e juízos ofensivos, consideramos violência sexual todo e qualquer ato que tenha como alvo a genitália e os diversos orifícios do corpo, no caso, da mulher – sem o consentimento formal ou informal desta - quer esta agressão parta de qualquer parte do corpo do(a) agressor(a) quer de qualquer objeto utilizado pelo(a) agressor(a). A julgar pelos depoimentos/denúncias, aqui apresentados, os atos violentos partiram exclusivamente de homens. Mas, violência sexual inclui também, o calote, a inadimplência quando, como ocorre na prostituição, o ato sexual não é pago. Vejamos, na íntegra, o que assevera o depoimento:

“Violência sexual é quando um home chega aqui, né? E que pega agente, fala que vai pagar, vai pro quarto chega lá transa e às vezes não paga e ainda

qué bater por cima. É pra mim violência sexual é isso.” ou o 21: “Às vezes não goza, aí quer bater, não quer pagar...”

Ainda quanto às palavras ofensivas, há que se destacar a expressão **puta** com a qual a maioria das pessoas pensa estar desqualificando uma prostituta:

“... você é muito fraca pra ser puta”, bem assim. “e puta tem que ser é interada, já viu puta tremer porque viu uma arma, cá cá cá, eu tava só brincando”. 20- “Às vezes a gente passa na rua eles mesmo passa e aí fica puxando o cabelo, batendo na bunda [risos], chamando de puta, pra mim isso é uma violência e além de violência ainda é uma discriminação também”.

Ao se autodenominarem “profissionais do sexo”, as associadas da APROFS procuram se defender do peso societário e da corrosiva internalização subjetiva da palavra **puta** (ou mesmo da expressão prostituta). Entretanto, abrangência e amplitude profissional da autodenominação à parte, elas operam um franco gerenciamento foucaultiano (FOUCAULT, 1985), pois tiram o véu diáfano da hipocrisia vitoriana com que tentamos cobrir a sexualidade. Uma hipocrisia que sobrevive nos dias de hoje, sobretudo porque nunca se falou tanto em sexo como hoje. Foucault tem razão: somos todos vitorianos. E ao fazerem esta revolução, tiram o sexo de sua redoma vitoriana (e atual) e o transformam numa profissão: **profissionais do sexo**, na mesma contemporaneidade em que também trabalham outros profissionais: os do ensino, da política, da medicina, da religião.

É preciso dizer porém que, em suas mais remotas origens, puta significa moça, donzela, rapariga (e puto moço, donzelo, rapaz). Claro que, enquanto em diversas regiões do Sul do Brasil, rapariga significa moça, mocinha, no Nordeste desse mesmo país, rapariga quer dizer prostituta ou “mulher da vida”, “mulher de vida airada”, amante, amázia, manteúda (ou seja, que é mentida, sustentada financeiramente por um homem casado com outra mulher). A palavra **puta** é utilizada com propósitos ofensivos tanto mais quando é substantivada ou adjetivada. Porém, quando é adverbializada adquire conotação diferente: qual filho não se orgulharia de sua própria mãe se alguém lhe dissesse - “sua mãe é uma **puta** mulher”?

Existe uma terceira situação que também configura violência sexual, atualizada que é pelo medo de contrair DST principalmente AIDS; na verdade pelo risco real de ser contaminada pelo HIV/AIDS – como se pode constatar pelo texto dos depoimentos 36 e 39 dentre outros. A violência sexual aí constatada se dá, muitas vezes, através da tentativa de blefe, de enganar a mulher, de tirar o preservativo sem que ela o perceba:

“Tem deles que aceita, tem deles já que não aceita realmente, vai pro quarto, chega lá tem com a gente naquele negoço ... que a gente dá qualquer vacilo eles “pam!”, tira a camisinha, acontece já muita briga no quarto por isso, [...] ele começa com a ignorância, a violência, dentro do quarto mesmo.”

“Eu tava no quarto com um cliente, aí ele chegou e queria tirar, queria tirar o preservativo e aí a gente começou uma negociação com esse preservativo. Quando eu já tinha convencido a ele que eu ia devolver o dinheiro, que não tinha necessidade dele me pagar, que eu ia sair do quarto, que eu consegui abrir a porta do quarto ele gritou que eu havia roubado ele .”

“Comigo já aconteceu violência assim sobre o homem tirar a camisinha e começar a discutir e ele vim em cima de mim ...”

“Tem deles que aceita, tem deles já que não aceita realmente, vai pro quarto, chega lá tem com a gente naquele negoço ... que a gente dá qualquer vacilo eles “pam!”, tira a camisinha, acontece já muita briga no quarto por isso, [...] ele começa com a ignorância, a violência, dentro do quarto mesmo.”

Conscientes da urgência da prevenção contra DST/AIDS – questão de vida ou morte - também dizem NÃO aos riscos de contraí-las:

“Quer que chupe sem camisinha e não pode”

“O medo maior que eu tinha era dele tá me passando uma doença assim, no caso, né? O HIV; porque ele insistiu tanto em ter relação sem preservativo, assim com uma veemência tão forte que eu achei que era por outro motivo. Não, era só pelo simples fato de tá transando sem o preservativo.”

“Tem que usar porque sem pode pegar doenças, pegar AIDS. Tem uns que não qué usar camisinha, quer que a mulé chupe sem camisinha, aí se não aceita ele qué bate na mulé.”

“O risco é um belo de um HIV, né? Por que um filho também corre um risco, mas um filho você pode até tomar um remédio antes da gravidez chegar aos 30 dias e sua menstruação descer e uma doença não tem como, não tem remédio que cure, bem assim se for o HIV é que é pior mermo.”

“ O medo maior que eu tinha era dele tá me passando uma doença assim, no caso, né? O HIV; porque ele insistiu tanto em ter relação sem preservativo, assim com uma veemência tão forte que eu achei que era por outro motivo, não era só pelo simples fato de tá transando sem o preservativo.”

“Como um dia desse, chegou um cara no meu quarto, eu sintí, eu sintí quando a camisinha tinha estourado e ele só em cima de mim, aí eu empurrei ele.”

“Porque o certo é usar, né? Porque tem pessoas que tudo que tem pela frente eles tão pegando. Eu acho que não é assim, tem que pegar uma pessoa que a pessoa já conhece quem é a pessoa, mas tem mulheres aí que usa droga, anda tudo acabada de droga e tem home que pega e às vez nem usa camisinha.”

Dizer sempre SIM a todos (chefes, deuses, amores, clientes ... circunstâncias diversas) traduz o estar capturado por um gozo (nada a ver necessariamente com orgasmo) que implica numa repetição de atos, num eterno retorno nietzscheano entre a dor e a delícia de sempre estar dizendo sim seja lá ao que for, seja lá a quem for – não num círculo vicioso ou virtuoso já que círculos desta natureza estão ligados à Moral e esta à pulsão de morte, vez que a Moral diz o que não devemos fazer e ainda nos culpa por isso. “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” (Caetano Veloso); cada qual sabe de seu gozo. Essa roda viva que circula entre dor e delícia persiste ... até que se presentifica alguma coisa que ‘fura’ o balão desse gozo, instala a falta e, por conseguinte, o desejo; o desejo barra o gozo, vai deseternizar o retorno dor –

delícia. “Basta, eu não quero mais isso para a minha vida!”.”Chega: não quero mais continuar repetindo isso”

Se uma ou algumas das depoentes já esteve capturada pelo gozo de **serem dessas mulheres que só dizem sim** - inclusive à violência sexual - agora, ao experimentar a falta, o desejo barrando o antigo gozo, (gozo às vezes mortífero), ela passou a assumir a condição de sujeito e de agente da despublicização de seus próprios corpos. Cada uma retificou a posição subjetiva. Basta! Não mais o corpo público de uma mulher pública – e sim o corpo privado de uma mulher privada e cidadã. Não é outra coisa o que querem dizer, por exemplo, os seguintes depoimentos dentre outros:

“Realmente ele enxerga a gente como se fosse uma mercadoria que ele tá pagando e que ele tem direito de levar ou de fazer como ele quiser e entender – e não é bem assim.”

“Poxa, eu acho que não é porque ela é prostituta que ela tem que topa do jeito que ele quer, tá entendendo? Não é assim porque, para mim, no meu pensar não funciona assim; no meu trabalho, eu batalhando assim tem que ser da maneira que eu achar que ele pode mexer no meu corpo.”

Formas menos individualizadas de dizer NÃO à violência sexual têm se traduzido no apelo à cumplicidade, à solidariedade - ao *esprit de corps* enfim:

“Aqui é uma por todas e todas por uma então assim, aqui dentro nós não temos ninguém para proteger a gente, aqui a gente pode levar tapa até amanhecer o dia ninguém acode a gente, não tem como escapar. Não existe segurança, ninguém que faça nada por nós aqui dentro, é pau doido, tem que sair ou então apanha”.

É o jogo de cintura, né? Até quando eu tô assim dia de domingo sozinha com a dona da casa lá que eu frequento, aí tem vez assim um cara mal encarado até ela fica meio assustada aí fala “cadê Jorge mais Paulo, não chegou ainda não?” aí a gente responde: “Paulo foi comprar o almoço, foi comprar o jornal e já tá chegando” só pra dá idéia de que tem dois homens na casa ... de segurança, entendeu? É pra passar, pra ele não entender que tá assim as duas sozinhas e querer se aproveitar.”

”Tem ambientes lá fora que a pressão é bem mais forte assim, pelo menos a agressão física é bem mais constante. Acontece com mais frequência, porque aqui a gente tá sempre uma olhando pela outra, né? Tem que tá sempre uma acompanhando a outra, tem que tá sempre de olho, quando agente vê que a pessoa não é legal a gente avisa e lá fora não, lá fora a situação tá bem mais complicada [...] aqui é a forma mais amena da prostituição é essa daqui, mas dá pra se defender mais.”

As narrativas das humilhações praticadas por clientes agressivos traduzem – no tempo, no espaço e na diversidade cultural – o uso da força (inclusive a força física) como ratificação da crença na supremacia e na intocabilidade masculinas:

“Uma colega minha mesmo, levou tapa aqui na rua porque ela sentou na mesa com ele e tomou uma coca-cola, perguntou se ele queria namorar, ele falou que não, aí ela disse: “então eu vou sair pra correr atrás que nós estamos aqui pra isso” aí a menina pegou e deixou a latinha da coca lá em cima da mesa levantou e sentou aqui fora, na hora que sentou aí ele pegou começou a xingar ela de puta, de vários nome, aí dizendo que um dia ela ia pagar a ele porque tomou a coca-cola dele e não continuou com ele na mesa, que ele não é nenhum palhaço, aí pegou foi embora, depois ele voltou com mais 2 e os 2 pegou a menina e começou a bater aí juntou 3 home e bateu numa menina só, aconteceu isso por causa de uma coca-cola” (associada da APROFS).

“Eu mesma quantas vezes sentí pena de uma dessas pobres meninas, cansada física e moralmente, e tendo que ser agradável a um homem que ela desprezava, um grosseiro meio embriagado que pensava encantar, quando na verdade enjoava amoça, cujo esforço terrível para suportar aquele homem não poderia ser pago com dinheiro nenhum do mundo. Mas ela tinha que suportá-lo, como se fosse uma enfermeira no hospital. Mulher nenhuma faz com prazer esse tipo de trabalho. Deus sabe! Mas quando se ouve as pessoas caridosas, ah! ... você poderia pensar que essa vida é um mar de rosas.” (Senhora Warren, personagem da peça teatral “A profissão da Senhora Warren” de Bernard Shaw (1856-1950).

Constituem fato corriqueiro, na arte e na vida, as situações insólitas criadas por clientes idosos – talvez animados pelo dito popular que assegura que “quando acaba a natureza começa a arte”

“Minha idade sexual não me preocupou nunca, porque meus poderes não dependiam tanto de mim como delas, e quando querem elas sabem o como e o porquê. Hoje em dia dou risada dos rapazes de oitenta que consultam o médico assustados por causa dos sobressaltos, sem saber que nos noventa são piores, mas já não importam: são os riscos de estar vivo. (personagem de “Memórias de minhas putas tristes” de Gabriel Garcia Marquez)

“Tinha um pau deste tamanho! Esse pau escondeu, o home ficou, ficou, ficou [...] e nada! Na relação sexual estava demorando de ejacular, aí eu disse: Ô moço, vai logo porque menos de dez minutos eu fico. Que eu gosto de fazer minhas coisa normal. Porque a maioria dos home que vem aqui, eles pergunta: Você faz o que? Faz tudo?”. Os velho, é os velho, não é os novo não, é os velho.”

Finalizemos com os seguintes depoimentos:

“É, enquanto tem vários homens assim super educados que tratam a gente bem, que vai pra cama com a gente, se preocupa em tocar no nosso corpo, com cuidado, com carinho pra não tá machucando e até se desculpa quando por acaso esbarra, tem outro que chega “bota a perna pra lá, bota a perna não sei pra onde, faça isso, faça aquilo” e quando agente se recusa aí ele “ah, eu tô pagando, eu tenho direito”

“Eu conheci um coroa, eu fui pra casa do coroa. Quando chegou lá, minha menstruação chegou; ele queria me agredir dentro da casa dele, uma hora da manhã. Não tinha acontecido nada, ele falou: “eu não podia te dar nada e podia te fazer alguma onda com você agora”. Eu fiquei pianinha, eu fiquei queta pra não ter problema, entendeu? Aí ele pegou no carro aí quando chegou ali perto da Castro Alves ele parou o carro, me deu meus quarenta reais e foi embora; minha salvação é que ele fez consciente, tem home que pega a gente, que faz e não quer pagar, não paga, porque eu já fui vítima aqui mermo”.

“Eu sei de um caso também de um rapaz que foi pro quarto com a menina, aí pediu pra ela ficar na posição de quatro, aí ela disse que sentiu uma ardência nas costas, mas não tava sabendo do que se tratava. Quando ela acabou de fazer o programa, aí ela pegou vestiu a blusa – e a blusa era branca – aí quando ela chegou de costa pro salão todo mundo viu a blusa dela cheia de sangue. [...] Quando ela tirou a blusa, as costas tava toda retalhada de gilete, que ele cortou as costas dela toda de gilete, e ela não sentiu”

Quem pode ser e o que pode ser – sociológica e psicologicamente - cada homem que habita ou se esconde nas entrelinhas desses dramáticos depoimentos? A quem interessa que cada um continue ‘invisível’, sujeito da violência sexual não identificados, não submetidos à reflexão pelas ciências sociais e psicológicas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 30, do século passado (séc. XIX), em meio a numa conferência, Freud ouviu o seguinte pedido: “E sobre a mulher, fale sobre a mulher, Doutor Freud”. Ao que ele respondeu: “Sobre a mulher, pergunte aos poetas”.

“O que quer uma mulher?”. Este é o enigma que uma mulher coloca para o outro – para outra mulher, que uma mulher coloca para o outro - um homem, que uma mulher coloca para o Outro – a sociedade, a cultura.

Há quem tente responder este enigma com a poesia. Mas há quem tenta respondê-lo com a fé cega no conselho: “Bata em sua mulher todos os dias; um dia, você nem saberá porque está batendo, mas ela saberá porque está apanhando”. Ou com a faca amolada da infibulação.

A infibulação comum na Africa saariana e em países árabes cujos grupos religiosos seguem de modo ortodoxo as religiões mulçumanas. Porém é um ato de violência sexual que tem no caráter preventivo sua maior gravidade. A infibulação consiste na extirpação, sem anestesia, do clitóris e, muitas vezes, também de parte dos pequenos lábios vaginais de jovens pré-adolescentes levadas a este ritual pelos próprios pais. Tal amputação, na crença corrente, evita, previne, que a mulher tenha orgasmo e, por isso, se transforme numa prostituta; afinal, acredita-se que sentir prazer no sexo é coisa de prostitutas. A infibulação é praticada por parteiras ou por homens através de facas e canivetes sem assepsia; e, como se trata de uma região muito vascularizada, tenta-se com papa de farinha estancar a inevitável hemorragia. A infibulação – alvo da condenação de organizações defensoras dos direitos humanos em todo o mundo - cumpre não só objetivos religiosos mas também financeiros. Os pais recebem muito dinheiro do pretendente, do futuro noivo, por terem lhe oferecido uma filha virgem, ou seja, infibulada – visto que a infibulação tende a extirpar também, como se acredita, os desejos e os interesses eróticos da jovem. Anualmente, centenas de jovens fogem da infibulação, migrando

principalmente para a Europa. São no mínimo dramáticas as fotos (circulando no mundo) que exibem a expressão intraduzível de horror estampada no rosto destas jovens no momento em que estão sendo infibuladas. Que violências sexuais são praticadas contra as prostitutas nesses lugares? Não responder é, às vezes, responder quase tudo.

É verdade que, salvo engano ou desinformação da nossa parte, não há notícias de práticas infibulatórias no Brasil. No entanto, miremo-nos no exemplo daquelas mulheres das arábias: das que conseguem fugir da infibulação (se escondendo dos homens perseguidores durante o dia e correndo deles durante a noite); e das que não conseguem fugir. Mas, mesmo assim, num caso ou no outro, nenhuma delas diz SIM à infibulação.

O Estado, através do Ministério Público e das delegacias de mulheres, e a sociedade civil organizada, a Imprensa, a Universidade devem incluir em suas pautas de proteção às mulheres e de prevenção contra as violências de diversas matizes que contra elas são praticadas em níveis crescentes, uma pauta especial: proteger as profissionais do sexo e não deixar na impunidade e na invisibilidade os agressores.

As mulheres de lá e as mulheres daqui têm em comum uma teimosia: “a estranha mania de ter fé na vida” - como poetizam Milton Nascimento e Fernando Brandt.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tocaia grande**: a face obscura. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AMARAL, Cecília Chaves Gurgel do, et al. **Dores visíveis**: violência em delegacias da mulher no nordeste. Fortaleza: Edições REDOR/NEGIF/UFC, 2001.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.

_____. **Sobre a violência**. Tradução André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BECO da Energia sobrevive na decadência. **Folha do Estado**. Feira de Santana (Bahia), 19 jun. 2001. p. 3.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 1996. p. 14.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Política de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Profissionais do sexo**: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS. Série Manuais, n. 47. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2002. 123p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para a prática em serviço. 2. ed. Brasília (DF): Ministério de Saúde, 2003. p. 47-51.

CARVALHO, Tatiany. Sexo com carteira - prostitutas buscam regulamentação da profissão. **Correio da Bahia**, Salvador, p. 3, 29 maio 2005.

FEIRA ganha associação de Profissionais do Sexo. **Folha do Estado**. Feira de Santana (Bahia). 29 maio 2001, p. 3.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 3v.

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. **Memórias de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 15-40.

MAGNOLI, Demétrio. Árvore da aids. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo: 25 nov. 2004. p. 2.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). A violência dramatiza as causas. In: _____. **Violência sob o olhar da saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2003. p. 23-47.

SHAW, Bernard. **A profissão da senhora warren**. São Paulo: Abril, 1976.

Artigo recebido em 22/fev./2009. Aceito para publicação em 16/mar./2009. Publicado em 01/jun./2009.

Como citar o artigo:

MOREIRA, Vicente Deocleciano; et al. Mulheres que não só dizem sim: violência sexual contra prostitutas de Feira de Santana – Bahia. In: **Revista metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 6., jun./2009. p. 29-41. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.php>>. Acesso em: **DIA mês ANO**.